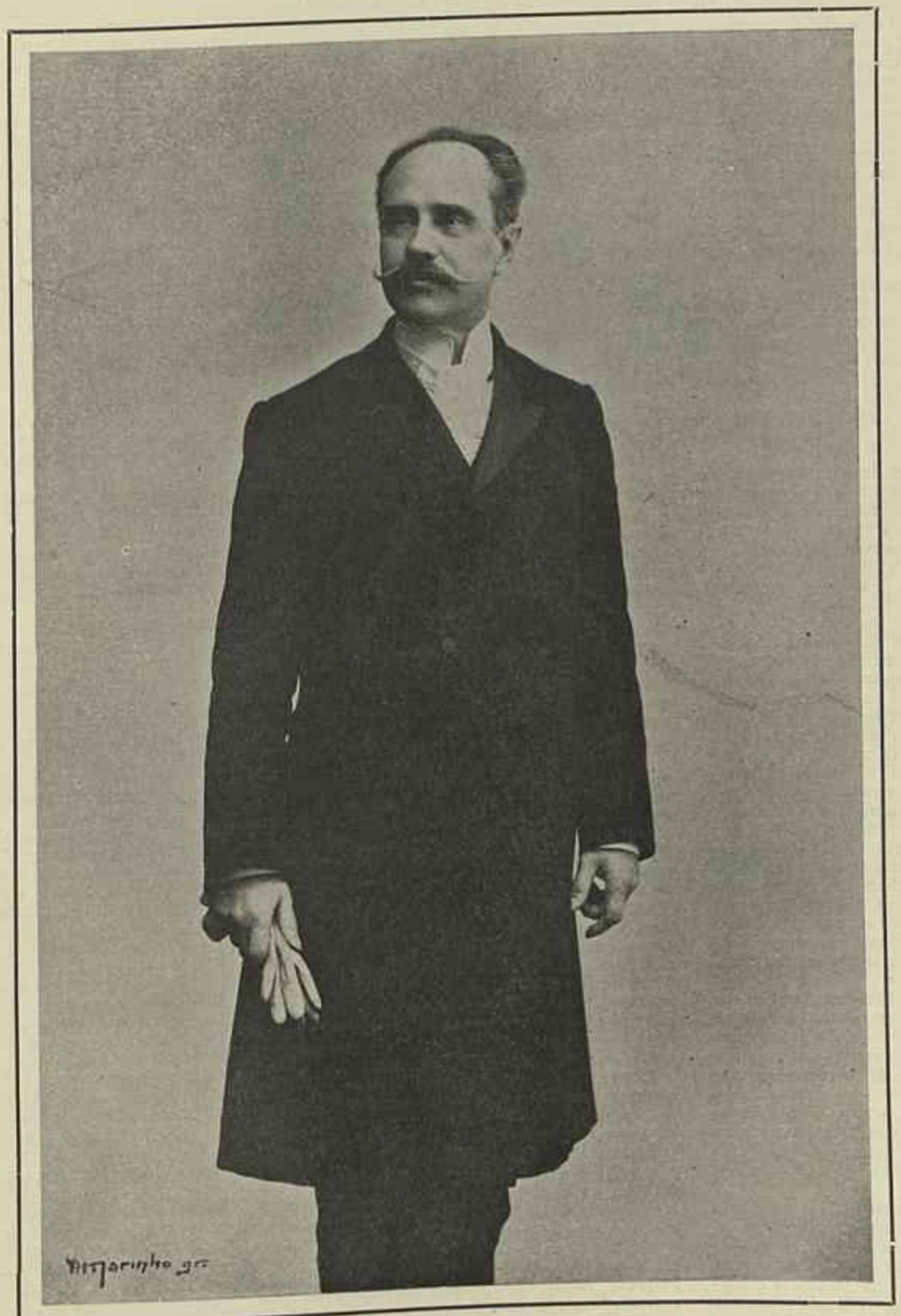
O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXIX Volume | 10 de Abril de 1906 | N.º 982

O Novo Ministerio



CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO, PRESIDENTE DO CONSELHO E MINISTRO DO REINO

(Cliché da Photographia Bobone)

Chronica Occidental

As crises de abundancia não se dão só com as uvas. Nem só os vinhateiros arrancam as farripas, porque não encontram quem lhes dê dez réis por cada litro das pipas a trasbordarem. Com os noticiaristas acontece por vezes a mesma coisa. Não é raro —ali por julho ou agosto — ver alguns d'esses desgraçados, de nariz no ar aguardando uma inspiração, ou de orelha arrebitada á espera d'um boatosinho salvador. Outras vezes então, accumulam-se por tal forma as noticias mais variadas, que o desditoso não sabe por onde escolher. Está como o macaco, que já tem uma pera n'uma das mãos, uma maçã na outra, e a quem offerecem uma laranja: larga a pera e pega na laranja, larga a maçã e pega na pera, larga a laranja... uma afflicção!

Já vamos em abril, mas o mez sahiu-se-nos fecundo em novidades, como nem sempre o é janeiro, com as camaras abertas, primeiras representações, estrellas estrangeiras, bailes do *high-life*. Abril costuma ser bom apenas para os poetas lyricos, que se embriagam com luz e perfumes e preferem aos melhores artistas as chilreadas dos ninhos. Abril em Lisboa costuma ser o prologo da semsaboria; este anno, porém, ainda ninguem deu pela fugida do inverno. Talvez a principal razão seja porque os theatros guardaram para os limites da epoca suas melhores surprezas e porque a politica anda por ahi anachronicamente figurando em primeiro logar.

Temos as eleições a bater-nos á porta. Largos artigos já se escrevem a tal respeito; telegrammas da provincia dão columnas inteiras; fazem-se apostas sobre a constituição da nova camara; já vai uma azafama por toda a parte, nas grandes cidades e nas pequeninas villas, onde mais acirradas são as luctas.

Falámos na nossa ultima chronica do aperto de mão trocado entre os srs. Hintze Ribeiro e João Franco, na sala do throno do palacio da Ajuda, em dia dos annos do Principe. Pois o caso, que ia dando que falar, ficou logo na sombra d'outro de muito maior importancia politica. Esse, sim, é que tem sido commentado pelas mais variadas formas: a approximação dos srs. João Franco e José Luciano, ainda não ha dois dias, tão acirrados inimigos.

Na politica é como no theatro, é sempre dos bastidores que surgem as maiores surprezas, se ainda em politica e theatro tal nome se pode empregar; parece-nos que não. Ha no entanto certa anciedade em todos para prever os resultados das proximas eleições, que, segundo os calculos de entendidos, devem trazer ás camaras alguns seis republicanos, parte d'elles por Lisboa.

Até que appareceu no Diario do Governo a portaria do sr. Teixeira de Sousa sobre a questão dos tabacos, o que se deu de mais importante foi a deliberação tomada em conselho de ministros a respeito da expedição ao sul de Angola contra os cuamatas. Depois de gastas algumas centenas de contos em preparativos, não pareceu bem a alguns que se puzesse ponto na idéa de vingar o desastre que ali soffreram ha mezes as tropas portuguezas. Mas, desde então, as coisas mudaram, e á maior parte da gente pareceu bem que se poupassem muitos mil contos e decerto muitas vidas, com melhor emprego na mesma Africa.

E novamente, cá estamos de volta com os tabacos, que talvez, assim acabem, como a goluseima dos caixeiros de confeitaria, a quem os patrões fazem á força beber calda de assucar.

A discussão vai por emquanto em principio, e a portaria lida com o maior interesse, despertou sympathias.

Mas os politicos não são homens para calar se, embora as razões que se lhes apresentem sejam das melhores. E' de prever, portanto, que a questão não abdique tão cedo de rainha das questões.

Os politicos são teimosos e, quando se mettem de vez em certo caminho não ha paisagens bellas que d'este o desviem. João Arroyo é uma das raras excepções que conhecemos, quasi o unico em Portugal, a quem portarias, decretos e habilidades parlamentares não destruiram de todo o senso esthetico.

Não pudémos, infelizmente, assistir á audição ao piano da sua opera para que fomos muito amavelmente convidados. O *Amor de Perdição* de Camillo Castello Branco lhe inspirou o libretto, e amigos mais venturosos do que nós, nos contaram como a musica de todo o drama pungente acompanha, cheia de primores, a acção do mais famoso romance de amor.

A musica muito tem dado que falar n'estes ultimos dias em Lisboa. O abbade Perosi despediu-se do publico de S. Carlos regendo a oratoria *Resurreição de Christo*, em que foi applaudido por uma platéa especial, onde se via grande numero de sacerdotes. Dias antes o sr. Cardeal Patriarcha convidára-o para jantar O maestro Giordano, que o substituira na cadeira da regencia, foi applaudidissimo na noite em que se realisou a recita da *Fedora*, a mais famosa das suas operas. Saint-Saëns deu depois aos verdadeiros amantes de boa musica a melhor de todas as noites. Perosi alcançou no concerto realisado pela *Schola cantorum*, no Conservatorio, enorme ovação com sua Ave-Maria admiravelmente cantada.

Os theatros estão quasi todos para fechar, mas, talvez por isso mesmo, agora é que mais teem chamado concorrencia.

Duas noites devemos mencionar aqui, que foram de grande festa: a reapparição de Virginia no theatro de D. Maria e a noite artistica de Augusto Rosa no theatro de D. Amelia, com a primeira representação da celebre peça de Lavedan *O Duello*.

Quando Virginia appareceu em scena, foi commovedora a ovação que lhe fizeram Era a sede que o publico tinha de vingar saudades soffridas n'uma longa ausencia. Encheram-lhe o palco de flores; mil vezes foi seu nome acclamado, o nome tão querido de nós todos. Diz-se que Virginia breve se retirará da scena; em tanta alegria, como a d'aquella noite, haverá de misturar-se alguma lagrima.

Foi brilhante a festa de Augusto Rosa, como sempre. O palco encheu-se de amigos, que iam felicitar o actor, um dos que entre nós mais conhecem a sciencia de representar. João Rosa reappareceu na *Ceia dos Cardeaes*. Fizeram-lhe uma ovação.

Mas não acabaram, com o dizer-se o que foram estas duas noites de gloria, as noticias theatraes. Mais uma recita da revista dos estudantes da Polytechnica se realisou ha dias no theatro da Trindade e, mais uma vez, a tuna foi applaudida com aquella alegria, que só na recita dos rapazes, ainda, de principio ao fim, faz estrondo e se communica.

Trata-se agora da ida a Paris, onde lhes preparam grande recepção, parte d'ella já com programma assente. Outros mais modestos contentam-se com ir até Madrid. Como os tempos mudam! No nosso tempo o mais longe que os estudantes iam, ás vezes, era até Almada, n'uma burricada de que se ficava falando por muitos dias. Mas nem por isso, se estuda peor agora.

A instrucção foi, pouco a pouco, e ainda bem, interessando a todos. Demonstra-o a forma por que o conselheiro sr. Abel Andrade, director da instrucção publica, é considerado por seu altissimo valor. Significativo foi o banquete que hontem lhe offereceram e em que tomaram parte uns duzentos e tantos convivas, todos applaudindo-o com enthusiasmo em todos os brindes que lhe levantaram.

Interessam agora, mais do que em outros tempos, as coisas de arte e de sciencia Ha dias, se inaugurou a exposição da Sociedade Silva Porto, que tão elogiosa critica tem merecido, bem como a exposição do esculptor Costa Motta, sobrinho, e já Lisboa se prepara para receber condignamente os homens notaveis que hão de tomar parte no congresso internacional de medicina. Entre outras summidades veremos em Lisboa o Dr. Behring, tão falado agora pelos seus estudos contra a tuberculose, e o Dr. Hansen que descobriu o bacillo da lepra.

Do programma das festas que se lhes preparam, alguns numeros hão de ficar na memoria dos que nos honrarem com sua visita, como a ida a Cintra, onde serão recebidos no palacio de Monserrate, e a toirada em Villa Franca onde irão embarcados, Tejo acima. Aos delegados dos governos estrangeiros será offerecido um jantar no paço e a todos os congressistas uma *garden-party* no jardim das Necessidades

E' natural que a primavera nos favoreça com o esplendor d'um céo azul, para que os congressistas não levem senão lembranças saudosas de Lisboa, sempre tão carinhosa com seus hospedes.

A semana santa em que entrámos, veio por uns dias dar a Lisboa um aspecto differente. Entraremos depois no verão. Já em Alcantara as barracas vão tapando com lona seus esqueletos e os amadores de toiros vão preparando seus fatos claros para as primeiras festas na Praça do Campo Pequeno. Não tardará n'essas esquinas o primeiro cartaz vistoso, annunciando a reapparição de Gallito. Quinta feira, 19, segunda toirada com Machaquito e toiros de Emilio Infante.

Annunciam-se coisas alegres; não deviamos hoje falar de tristezas; mas o assumpto da ultima hora foi a revolta a bordo do cruzador D. Carlos, e, muito embora o caso pareça estar resolvido, não o foi com satisfação de todos. Ainda, á hora a que escrevemos, uma sombra paira sobre os motivos que levaram a tripulação ao acto de indisciplina e consequencias que possam derivar da insubordinação e da fórma por que foi tentado pôr-se termo.

E' de esperar que na futura chronica não tenhamos de voltar ao assumpto.

JOÃO DA CAMARA.

O NOVO MINISTERIO

Apoz o regresso de Suas Magestades da visita a Madrid, o ministerio progressista se encontrou em crise, por El-Rei não sanccionar os decretos de dictadura que o sr conselheiro Luciano de Castro lhe apresentou.

Foi este o motivo allegado para o presidente do conselho apresentar ao Chefe do Estado a demissão do ministerio, a qual foi acceite, chamando El-Rei ao paço o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, a quem encarregou de formar novo gabinete.

O chefe do partido regenerador acceitou o encargo e poucas horas depois estava organisado o novo ministerio.

A' testa da nova situação politica encontram-se homens já experimentados na publica administração e que por mais de uma vez teem sido chamados aos conselhos da corôa, principiando pelo snr:

CONSELHEIRO HINTZE RIBEIRO, presidente do conselho e ministro do reino, é pela terceira vez encarregado de formar governo, tendo pela primeira vez assumido esse cargo ainda em vida de Antonio de Serpa, de quem herdou a chefia do partido.

Cedo principiou a sua vida politica como deputado eleito por sua terra natal — Ilha de S. Miguel — entrando no parlamento em 1878.

O seu talento e capacidade empregados n'um trabalho assiduo e util, depressa o imposeram á consideração publica e o indicaram para os mais elevados cargos da administração, que tem desempenhado de modo superior, ainda nas situações mais dificeis, sabendo deixar o poder com raro desprendimento, quando as contingencias da politica assim lh'o indicam.

Parlamentar consagrado pelo brilho e erudição da sua palavra, os seus actos correspondem á vastidão dos conhecimentos que expõe, em todos os ramos da administração publica, reunindo a theoria e a pratica, que constitue o verdadeiro homem de estado.

O snr. Hintze Ribeiro é hoje o vulto mais prestigioso da politica potuguêsa, apreciado no paiz e no estrangeiro, onde tem viajado e recebido provas da alta consideração em que é tido pelas sumidades da politica.

CONSELHEIRO ANTONIO TEIXEIRA DE SOUSA. E' pela segunda vez ministro de fazenda, tendo tambem sido ministro da marinha no mesmo governo presidido pelo snr. Hintze Ribeiro, em 1900.

Nascido em Traz-os-Montes e tendo o curso de medicina, tem a sua cadeira no parlamemto desde 1889, eleito por Alijó.

Distinguiu-se no parlamento em varias discussões em que revelou seus talentos e estudos financeiros, que o indicaram naturalmente para a gerencia da pasta da fazenda, para a qual passou da da marinha, na recomposição do gabinete em março de 1903.

Não foi esteril a sua gerencia em qualquer d'estas pastas, e na da fazenda deixou projectos importantes, que circumstancias politicas não lhe permittiram serem approvados pelo parlamento, o que determinou a sua sahida do ministerio em abril de 1904.

O snr. Teixeira de Sousa é homem d'acção caracter energico e espirito pratico, qualidades que devem constituir um estadista.

CONSELHEIRO PIMENTEL PINTO. General e ministro da guerra pela terceira vez, tem seu nome vinculado ás principaes reformas porque n'estes ultimos annos tem passado o exercito português, todas no sentido de lhe ministrar instrucção pratica, aprefeiçoar o estudo das differentes armas e manter a disciplina, levantando o espirito e brio militar.

Na primeira vez que foi ministro da guerra coube-lhe o ter de organisar a expedição militar da celebre campanha do Gungunhana e o resultado d'essa expedição, que cobriu de gloria o exercito português, está ainda bem gravado na memoria dos contemporaneos.

O general Pimentel Pinto é o ministro da guerra mais prestigioso para o nosso exercito, porque tem sido o que mais lhe tem promovido os seus progressos levantando-o do abatimento a que tinha chegado.

Conselheiro Wenceslau de Lima. E' pela segunda vez encarregado da pasta dos estrangeiros, tendo pela primeira occupado este cargo na recomposição do ministerio regenerador, em março de 1903.

A pasta dos negocios estrangeiros era a que estava indicada para o illustre parlamentar, em quem se reunem todos so predicados de um perfeito diplomata.

O snr. Wenceslau de Lima, dotado de uma educação superior, que recebeu no estrangeiro e completou na universidade de Coimbra, alcançou por concurso a cadeira de lente de mineralogia da Escola Polytechnica do Porto. E' grande proprietario viticultor e escriptor erudito.

A sua gerencia na pasta dos estrangeiros foi distincta, não o será menos agora que de novo lhe é confiada.

Conselheiro Campos Henriques. Ministro da justiça, entrou pela primeira vez nos conselhos da corôa como titular da pasta das obras publicas, na recomposição do ministerio de setembro de 1894. Vinha então de ser governador civil do Porto, tendo já longa carreira na magistratura, desde que em 1874 se formou em direito, na universidade de Coimbra.

Na politica entrou em 1890 deputado eleito por Pinhel, revelando no parlamento seus dotes de orador distincto.

Jurisconsulto altamente considerado por sua intelligencia e saber, melhor lhe cabia a pasta da justiça que lhe foi confiada na ultima situação regeneradora.

Tão superior e correctamente desempenhou o elevado cargo que, na formação do novo gabinete, foi logo indicado para a mesma pasta.

Conselheiro Antonio de Azevedo Castéllo Branco. Antigo parlamentar, eleito pela primeira vez em 1879 por Villa Real em cujo concelho nasceu, no Villarinho de Samardã. Desde aquelle anno tem sempre occupado seu logar no parlamento, tendo já sido presidente da camara dos deputados,

E' director da penitenciaria de Lisboa, e ultimamente presidente da Camara Municipal d'esta cidade, cargo que deixou para assumir agora o de ministro da marinha.

Foi pela primeira vez ministro da justiça no gabinete regenerador de março de 1893, presidido pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro.

E' formado em direito pela universidade de Coimbra, escriptor e poeta, fez estudos importantes sobre o systema penitenciario, e a sua vasta intelligencia facilmente poderá abranger os differentes ramos da administração colonial.

Conselheiro José Pereira dos Santos. Ministro das obras publicas, é capitão de engenharia, professor na Escola do Exercito e no Instituto Industrial.

Deputado desde 1881 distinguiu-se no parlamento na discussão dos caminhos de ferro de Lisboa a Torres e á Figueira por Alfarellos. Foi relator do projecto das obras do porto de Lisboa, e em outros trabalhos de engenharia tem affirmado seus vastos conhecimentos scientificos.

Entrou pela primeira vez como ministro das obras publicas no governo formado pelo sr. Hintze Ribeiro em julho de 1900, logar que foi convidado a occupar no actual ministerio.

Por esta resenha vê-se que os membros do novo governo são, como dissémos, todos homens experimentados na administração publica, conhecedores dos seus differentes ramos, e por isso aptos para resolverem os intrincados problemas que n'este momento se impõem á solução do governo.

Homenagem ao Dr. Sousa Viterbo

Bem quiseramos ser d'aquelles que, no dia 4 d'este mez, foram prestar sua homenagem ao primoroso poeta, ao sabio, ao archeologo, n'aquelle santuario da familia e do trabalho, onde em cada dia alguma coisa de util se produz e amontoa, no louvavel empenho de illustrar a patria. Bem quiseramos, mas outros imperiosos deveres nos detiveram, e só em espirito, quando estas linhas escrevemos, ali vamos tambem prestar a nossa respeitosa admiração a Sousa Viterbo, a quem a doença mais tem alquebrado do que os annos, triumphando ainda o espirito, de que é testemunho seu incançavel labor.

No modesto gabinete de trabalho, sentado em sua poltrona, posição em que permanece, por outra lhe não permittir a enfermidade de que sofre, ao lado sua devotada filha D. Sophia, cooperadora nos trabalhos do sabio archeologo, assim recebeu Sousa Viterbo os membros da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguesês, que em sua mãos lhe foram depôr uma medalha e diploma com que a dita associação, resolvera, em assembléa geral, premiar o infatigavel investigador da historia patria.

DR. SOUSA VITERBO

Ali se reuniram os membros da mesa principiando pelos srs. conselheiro Augusto José da Cunha, presidente, Rocha Dias e Francisco Parente, secretarios, visconde da Torre da Murta, bibliothecario, e os socios srs. conde de Sabugosa, monsenhor Elviro dos Santos, conselheiro Adolpho Loureiro, dr. Rodrigo Velloso, commendador Guilherme Henriques, Ventura Terra, Victor Ribeiro, Mena Junior, dr. Arthur Lamas, Silva Leal, Felix da Costa, Rodrigues Fernandes, dr. Alfredo da Cunha, Oliveira Ramos, Albino Pimentel e mais pessoas visitas da familia.

Foi commovente o acto, quando o sr. conselheiro Augusto José da Cunha, proferiu uma breve allocução referente aos grandes merecimentos de Sousa Viterbo e aos serviços por elle prestados, fazendo-lhe, em seguida entrega da medalha e do diploma.

Duplamente grata foi a Sousa Viterbo esta homenagem, que elle recebeu commovido e, dizemos duplamente, porque ella tanto sensibilisou o seu coração de poeta, como de pae, pois que envolveu tambem testemunho de respeito e admiração a sua filha, como se vê da seguinte proposta apresentada pelo nosso bom amigo e collaborador do Occidente, o sr. Victor Ribeiro.

«Proponho que n'esta manifestação de amisade e de glorificação ao nosso eminente consocio sr. dr. Sousa Viterbo, se envolva respeitosa e commovidamente uma homenagem a sua filha a ex.ma sr.a D. Sophia Leite de Sousa Viterbo, que aos dotes superiores da sua culta intelligencia alia a dedicação exemplar do verdadeiro culto filial, com que tem prestado assidua e incançavel cooperação aos estudos e investigações do seu estremoso pae, por modo tal que, sem o menor favor, nos cumpre saudal-a como verdadeira e valiosa collaboradora do grande numero de estudos e trabalhos com que o nosso benemerito consocio tem, nos ultimos annos, enriquecido as letras e principalmente a documentação irrefutavel da Historia Patria.»

«Olhos dos seus olhos—infelizmente sem hyperbole oratoria, a ex.ma sr.a D. Sophia Viterbo, pela sua devoção filial, pela sua peregrina e acertada competencia, de que são provas evidentes a lidima correcção material e a serie constante das publicações de seu pae, tornou-se, sem a menor duvida, credora da nossa incondicional admiração e dos votos de sincero reconhecimento que todo o Portugal culto lhe deve pelo efficaz e proficiente auxilio que porporciona a tão illustre, sapiente e benemerito escriptor, em beneficio das letras e da Historia Nacional. Lisboa, 4 de abril de 1906, (a) Victor Ribeiro.»

Para que esta homenagem envolvesse ainda mais requintes de delicadesa, foi escolhido o dia do anniversario natalicio, da sr.a D. Sophia Viterbo, para ser levada a efeito.

A medalha conferida ao dr. Sousa Viterbo foi creada pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 1875, para premiar os merecimentos artisticos e scientificos dos socios.

Representa no anverso uma figura de Lysia em pé tendo em cada mão uma corôa de carvalho, na acção de corôar os premiados. Por detraz d'esta figura vê-se á direita as ruinas do templo de Diana em Evora symbolisando a architectura e á esquerda um dolmen na serra de Cintra significando a archeologia, em volta da medalha tem o titulo da associação e a era de 1875.

No reverso, releva-se uma corôa de louro no centro da qual está gravado o nome do laureado a quem é conferida a medalha.

Real Gymnasio Club Português

Ha muito tempo já, ainda nos demolidos Recreios Whittoyne, situados na rua Occidental do antigo Passeio Publico, que esta prestante agremiação iniciou com brilhantismo desusado os seus saraus publicos, em que annualmente se dão provas da competencia dos professores e do aproveitamento dos socios. E de tal forma se tem havido uns e outros, com tanto criterio são organisados os programmas a exhibir, que as festas do Real Gymnasio Club Português grangearam fama e a confiante concorrencia do publico, sempre ávido de bons espectaculos, mas por via de regra reservado em os acolher.

Muitos dos amadores usofruem justamente o

O NOVO MINISTERIO

CONSELHEIRO CAMPOS HENRIQUES
MINISTRO DA JUSTIÇA

CONSELHEIRO ANTONIO TEIXEIRA DE SOUSA
MINISTRO DA FAZENDA

(Cliché da Photographia Fernandes)

CONSELHEIRO WENCESLAU DE LIMA
MINISTRO DOS ESTRANGEIROS

CONSELHEIRO PEREIRA DOS SANTOS
MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

CONSELHEIRO ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO
MINISTRO DA MARINHA

CONSELHEIRO GENERAL PIMENTEL PINTO
MINISTRO DA GUERRA

(Clichés da Photographia Bobone)

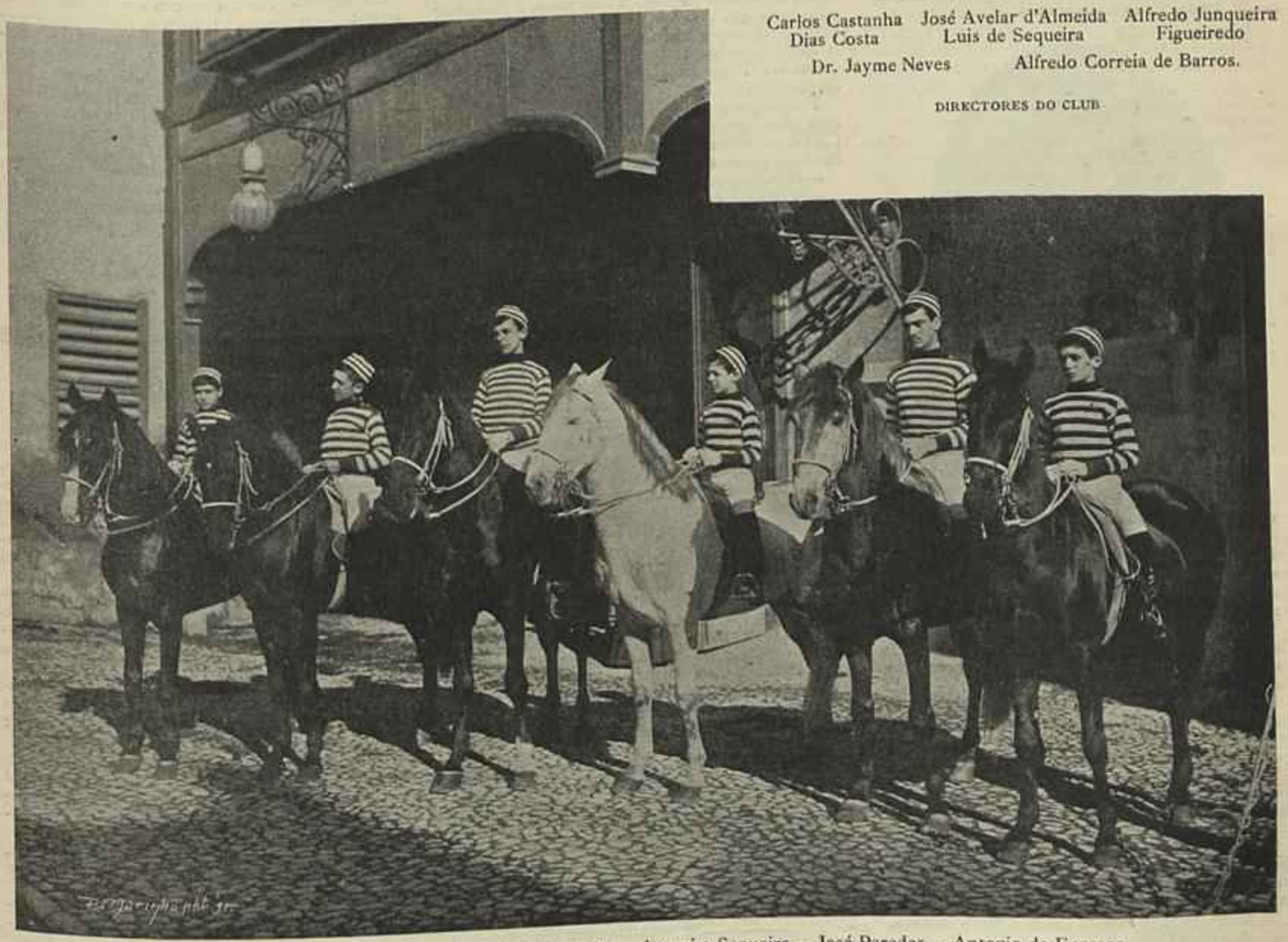
Real Gymnasio Club Português

Carlos Sá Pereira — Dario Cannas — João Posser
João Possolo — Walter Awata
Arthur dos Santos

PROFESSORES DO CLUB

Carlos Castanha Dias Costa — José Avelar d'Almeida Luis de Sequeira — Alfredo Junqueira Figueiredo
Dr. Jayme Neves — Alfredo Correia de Barros.

DIRECTORES DO CLUB



Costa Peres — Eduardo da Fonseca — João Sequeira — Joaquim Sequeira — José Paredes — Antonio da Fonseca

UMA SECÇÃO DA CLASSE INFANTIL DE EQUITAÇÃO DO CLUB SOB O COMMANDO DO PROFESSOR SR. JOÃO POSSER

(Clichés da Photographia Fernandes)

creditos de artistas consummados, tão primorosos são os trabalhos que apresentam, tão irreprehensivel é o methodo ali adoptado nos differentes ramos do *sport*.

O ultimo sarau realisou-se a 29 do mez passado, com a grande enchente do costume, e, pelos valiosos elementos que n'elle se conglobaram, foi considerado um dos mais luzidos dos ultimos annos.

A actual direcção é digna dos m iores elogios pela maneira intelligente como se soube conduzir para a elaboração do programma, conseguindo numeros que foram admirados e freneticamente applaudidos pelos mais exigentes.

D'entre todos impunha-se o dos vôos á Leotard, em que reapparecia João Possolo, o mais notavel e completo gymnasta amador que ha vinte annos tem apparecido em Portugal, e que apesar dos muitos annos de afastamento, ainda arrebatou os espectadores nos seus difficilimos exercicios.

Havia tambem outros que despertaram francas e calorosas ovações como os das classes infantis: de equitação dirigida pelo distincto professor João Posser e de gy nnastica pelo professor Walter Awata, que é, como se sabe, um *sportman* emerito; o jogo de pau, a esgrima de floret", os exercicios de força pelo notabilissimo athleta Manuel da Silveira, o *recordman* do mundo, os vôos á Leone, o tiro ao alvo, etc , etc.

O Occidente rejubila pelo incomparavel successo do ultimo sarau da benemerita co lectividade e aproveita a occasião para dar á estampa tres grupos em que figuram os membros da direcção, o corpo docente e os alumnos de equitação do Real Gymnasio.

CONCERTO BENETÓ

O distincto violinista e abalisado professor D. Francisco Benetó, realisou no domingo 1 do corrente, no salão do Conservatorio pelas duas horas da tarde, a sua festa annual.

FRANCISCO BENETO

Benetó que veio ha quatro annos para Lisboa contratado pela Sociedade de Musica de Camara para ali occupar o logar de primeiro violino, tem sabido conquistar as sympathias do nosso publico, e devido ás suas escepcionaes qualidades de concertista é hoje uma das figuras mais proeminentes do nosso meio musical.

O programma do concerto foi artisticamente elaborado e n'elle figuraram obras de auctores consagrados, taes como Back, Beethown, Corelli, Mendelssohn Saint-Saens e outros.

Benetó executou com a maior correcção e boa technica o primeiro andamento do concerto de Saint-Saëns, obra eriçada de difficuldades, mas que o distincto violinista venceu brilhantemente.

No adagio e allegro de Corelli, assim como no Humoresque de Devoräk, e ainda n'um fado de Hierro, patenteou Benetó a sua grande virtuosidade, afinação e escola purissima.

O illustre professor foi alvo d'uma enorme ovação ao entrar no palco, e em todos os numeros que executou, recebeu sempre do publico os mais enthusiasticos aplausos.

Na parte do canto fez-se ouvir a distincta amadora D. Africa Calimerio, que deliciou o audictorio com uma romansa de Carlos Gomes e a aria da Michaela da Carmen, sendo muito aplaudida.

O sr. Bonet, um artista de grande valor e que ha dois annos se encontra entre nós, executou ao piano uma composição sua, mostrando não só qualidades bem raras de pianista como de compositor apreciabilissimo.

De resto todos os artistas e amadores que cooperaram n'esta festa, se houveram por fórma a merecerem os maiores elogios, tendo tido uma execução perfeitissima o quartetto de Beethown, (op 1), o concerto de Back para dois violinos e piano, e o primeiro andamento do quintetto de Mendelssohn (op 87) a cargo dos Srs. Lambertini, Cecil Mackee, Benetó, Julian Sanz, Antonio Lamas, Ivo da Cunha e Silva e Passos.

LITERATURA ANGLO-AMERICANA

Um cavalheiro irlandês

Por

W. Somerset Naugham

(Continuado do n.º antecedente)

II

Horas depois, achava-se Mister O'Donnel escrevinhando no seu diario uma narrativa extensa e flamante do caso, com as informações cabaes que pôde colligir referentes ao Principe hereditario, cuja filha elle salvara por forma romanesca a tal ponto.

João Adolpho de Wartburgo Hochstein, pelos modos, era um soberano immensamente despotico, e a alma liberal de Mister O'Donnel insurgia-se contra as narrações dos seus actos de tirannia; temido por quantos com elle se achavam em contacto, sendo raro surprehender-lhe um ar de riso, raras vezes descerrava os labios, a não ser para mandar. No conjunto, parecia ser uma pessoa de escassissima amenidade. Mister O'Donnel delineou uma pintura floreadissima deste flagelo a castigar com escorpiões o seu povo, e do terror constante em que vivia este, e em periodos fluentes perguntava quando chegaria a hora em que o espitito de liberdade viesse acordar na ignavia daquelles Teutonicos o sentimento da nobreza do homem.

Truparam á porta e o estalajadeiro, com uma cara assarapantada, annuncia que o Chanceler da Córte, o Conde Pedro von Graban, desejava dar-lhe uma palavra.

—Mande-o entrar, respondeu Mister O'Donnel.

—Venho aqui de ordem de Sua Altêsa Serenissima agradecer-lhe o serviço que prestou á Princêsa, esta manhan, e offerecer lhe esta modesta lembrança.

O diminuto ancião sacou de uma carteira e contou umas quantas notas do banco.

—Traduzidas em dinheiro inglês encontrara montarem a cincoenta libras.

Mister O'Donnel enrubesceu até a raiz dos cabellos, visto como até então jamais lhe haviam dirigido tamanho insulto; depois, pôs-se branco como a cal Deteve-se, um momento, a considerar na resposta.

—Rogo-lhe queira apresentar os meus respeitosos agradecimentos a sua Altêsa Serenissima. Fico-lhe extremamento grato por esta prova do seu favor. E, aproveitarei a occasião para perguntar ao senhor Conde se nesta cidade não existirá um qualquer instituto de caridade pelo qual se interessa Sua Altêsa?

—Certamente. O orfanáto para as filhas de fidalgos pobres está sob a protecção especial do meu Real amo.

—Então, permetir-me-á talvez Sua Altêsa que eu subscreva esta quantia em favor de tão louvavel instituto, e que lhe acrescente outras cincoenta libras do meu bolso.

Mister O'Donnel abriu a mala, tirou para fora cinco notas do banco inglês, e com modo grave apresentou o conjunto ao assarapantado Chanceller.

—Ouso pedir-lhe o favor de se encarregar deste negocio, em meu nome.

—Mas... cavalheiro, não sei o que dirá o Principe a semelhante procedimento. O cavalheiro deixa ainda Sua Altêsa sob o peso de uma grande obrigação.

Ergueu-se Mister O'Donnel a toda a altura e talhou um gesto de singular magnificencia.

—Senhor, o Rei Guilherme IV, antes de subir ao trôno, pediu uma vez uma libra emprestada a este seu humilde servo e nunca a restituiu. Folgo immenso em ter que acrescentar o nome do seu real amo á dos Soberanos que se acham em divida para comigo

—O Principe não consentirá jámais...

—Nesse caso que a Serenissima Princêsa sua filha me dê a luva em que eu tive a honra de tocar com meus labios, esta manhan, e considerar-me-ei amplamente rocompensado.

O Conde-Chanceller olhou para elle no auge do espanto e da confusão; durante os seus longos annos de experiencia jámais lhe succedera topar com alguem cujas maneiras se lhe antolhassem tão sobranceiras e magnificas, cujo olhar ostentasse tamanha altivez, e cujo alemão fosse tão imperfeito.

—Mas o cavalheiro é que não sabe que casta de homem é o Principe. Se eu voltar a apparecer na sua Real presença com semelhante mensagem, é capaz de me zurzir a chicote. Considerará semelhante resposta como um insulto—é ingovernavel o seu genio. E não respondo das consequencias que poderão resultar para o cavalheiro.

Mister O' Donnel, então, não pôde ter mão na lingua, por mais tempo.

—E como se atreve elle pois a insultar-me? Quem suppõe elle que sou, para me atirar com cincoenta libras, como quem as atira a um lacaio? Vá, senhor, vá ter com seu amo e diga-lhe que Elle deve ter n'aquelle corpo a alma de um lacaio, visto tratar com tamanha indignidade um fidalgo irlandês.

Mister O' Donnel abriu a porta de par em par, e o conde Pedro de Graban tão embatucado ficou que, sem voltar a abrir bico, saiu ás arrecúas. E o nosso irlandês a esfregar as mãos.

—Roberto, meu caro amigo, andaste como quem és, disse com os seus botões, contentissimo. Ufano-me com a tua pessoa!

Acto continuo, porém, entrou a pensar, visto como, tamanha generosidade, com quanto adequada ao ensejo, deixára-o á paz de pilula.

As suas correrias pela Allemanha septentrional haviam-lhe custado metade da quantia de que dispunha, e as cincoentas libras que acabava de dar representavam a totalidade dos seus haveres. Não se arrependia da sua munificencia, esta, comtudo, impunha lhe á attenção um abominóso assumpto, —o futuro; o mais que elle poderia fazer era abalar decentemente de Wartburgo, e depois entregar-se nas mãos da sorte. Decorreu para elle uma hora d'immenso desalento, a subitas, porém, veio feri-lo uma ideia; ir por ahi fóra até Baden, e ali, muito seria para estranhar o não encontrar alguem a quem pedir emprestados dez guinéus, para tentar fortuna ás mêsas do jogo. Estava já de antemão contemplando na sua frente uma pilha lucilante de oiro, e sentindo achar-se, no fim de contas, segura a sua jornada á Italia, desceu para a sala de jantar em optima disposição de espirito.

(Continúa).

M. de Macedo.

NECROLOGIA

Coronel Duval Telles

O exercito português sofreu uma sensivel perda com a morte do coronel Duval Telles, occorrida na manhã do dia 5 do corrente apoz um ataque de gripe complicado com uma lesão cardiaca e uma erysepela que lhe sobreveio, sendo baldados todos os esforços da sciencia para salvar tão preciosa vida.

O coronel Duval Telles conhecidissimo em Portugal e no estrangeiro, onde foi muitas vezes no desempenho de importantes commissões, era ajudante de campo de El-Rei e chefe do estado maior de engenharia.

Se pelos primores de sua educação e fino trato elle era apreciado, não menos se destinguia pelos dotes de seu espirito superior largamente cultivado na constante aplicação ao trabalho.

O coronel Antonio Augusto Duval Telles, nasceu em Lisboa a 26 de março de 1862, e o seu curso militar foi dos mais brilhantes, sendo premiado em todas as cadeiras, e primeiro classificado na Escola Polytechnica e na do Exercito.

Em 9 de dezembro de 1873 despachado alferes, seguiu todos os postos até o de coronel a que foi promovido em 1894.

Pertencendo ao estado maior da arma fez serviço em commissão na Escola Pratica de Engenharia, onde foi adjunto e depois commandante. São importantes os seus serviços como inspector das fortificações de Lisboa e engenheiro do campo entrincheirado, pois dirigio estes trabalhos na epoca de seu maior incremento, e, tomando parte na commissão e sub-commissão da

CORONEL DUVAL TELLES

defeza de Lisboa, presidida então por S. A. o Principe Real D. Carlos, elaborou o projecto da defeza do porto d'esta cidade.

Foi um official scientifico e ao mesmo tempo bom disciplinador e ponderado, o que lhes permittiu desempenhar-se brilhantemente das importantes commissões de serviço que lhe foram confiadas.

O coronel Duval Telles fazia parte da casa militar de El-Rei desde o anno de 1884, tendo sido nomeado por D. Luiz I seu ajudante de campo.

Tanto o fallecido monarcha como El-Rei D. Carlos tinham o coronel Duval Telles na maior estima, sendo este o official mais antigo da casa militar de El-Rei.

Raras eram as caçadas reaes ou outras diversões de *sport* em que El-Rei não se fizesse acompanhar pelo coronel Duval Telles, que era tambem um grande apologista d'este genero de exercicios fisicos, cooperando para o seu desenvolvimento no pais.

Muito concorreu para se fundarem as Associações dos Atiradores Civis Portuguêses e foi elle que assumiu a presidencia d'esta associação, por morte do seu antigo presidente, o dr. Cunha Belem.

Era tambem presidente do Centro Nacional de E-grima.

Como escriptor deixa apreciaveis trabalhos na *Revista de Engenharia Civil e Militar* de que foi director e um dos mais assiduos collaboradores.

Fez parte das diferentes commissões da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, em que trabalhou de vontade, e deu parecer sobre a melhor forma de aplicar o Castello de Outão a sanatorio para as creanças tuberculosas.

O coronel Duval Telles era condecorado com o officialato e commenda de Aviz, de S. Thiago e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, medalhas militares, de ouro, de bons serviços e comportamento exemplar, e official da Instrucção Publica de França.

A morte d'este prestante e intelligente official foi muito sentida, e El-Rei D. Carlos, no telegramma que dirigiu á sr.ª D. Carolina Duval Telles, mãe do fallecido, exprimiu bem a grande estima em que o tinha e quanto sentiu a falta de seu dedicado ajudante de campo.

Anatole Calmels

O notavel esculptor que se finou no dia 24 do mez passado, francês de nascimento, veiu ha tantos annos para Portugal (por 1858) que aqui se estabeleceu como em patria sua e com os nossos artistas conviveu em boa fraternidade.

Foi D. Pedro V. que o convidou a vir para Portugal, tinha então Calmels 36 annos e era já um artista lauriado desde a Escola de Bellas Artes de Paris e da Escola de Roma, onde muito novo alcaçou um 2.º grande premio.

Na sua longa vida de 84 annos, pois nasceu em 1822, produsiu innumeras obras, que a falta de espaço não nos permitte arrolar mas de que citaremos as mais importantes, tanto das que deixou em França, como das que fês em Portugal:

O juramento dos sete chefes em frente de Thebas, baixo relevo em gesso, executado na Escola de Roma e que lhe valeu o segundo grande premio tendo Calmels apenas 17 annos de idade.

Estatua collossal *A guerra*, collocada na ponte da Concordia, em Paris (1840) — *Ballanche*, busto em marmore para a sala das sessões da Academia de França — *Géricault* busto em marmore, no museu do Louvre — Estatua em pedra de *Diniz Papin*, que se vê na fachada do Hotel de Ville de Paris. — *O nascimento da Santa Virgem* e *A apresentação da Virgem no Templo*, baixos relevos na egreja de S. Mauricio, em Lille. — *Calypso*, estatua em marmore encommendada por Napolão III para o palacio das Tulherias. — Estatua do gene-ral Lavœtine, collocada no gabinete do Estado Maior. — Um grupo collossal em pedra para o palacio do Louvre. — Estatua em marmore de Napoleão III. — Busto em marmore de monsenhor Joseph de Mosqueza, encommendado por Pio IX. — *Psyché*, estatua em marmore adquirida para o museu de Luxembourg. — Estatua collossal de *S. Luiz Rei de França* para decorar a fachada da egreja de Santa Elisabeth, e grande numero de bustos, medalhões, estatuetas, etc. de personagens notaveis da França.

Estas obras fôram feitas antes da vinda de Calmels para Portugal, tanto vale dizer que aos 36 annos de idade o artista tinha produzido uma somma enorme de trabalho, como muitos não produsem em toda uma vida.

Das obras mais notaveis de Calmels, que elle fês em Portugal, citaremos as seguintes:

O primeiro projecto do monumento a D. Pedro IV, em Lisboa, e o monumento a D. Pedro IV no Porto. — O grande grupo que remata o arco triumfal da Praça do Commercio, em Lisboa. — O frontão em alto relevo dos Paços do concelho de Lisboa. — Busto de D Pedro V para a sala dos Reis do Hotel de Ville, de Paris. — *O amor maternal*, grupo em marmore, encommendado pelo rei D. Fernando para a sua galeria. — Busto em marmore, da sr.ª Duquesa de Palmella. —Uma estatua em marmore, que está collocada no vestibulo do palacio d'esta illustre titular, assim como a estatua da *Dôr* que decora a capella tumular dos srs. Duques de Palmella, no cemiterio Occidental.

Muitas outras obras ficam por innumerar, todas de merito, embora de menor importancia.

Anatole Calmels era professor de Suas Magestades, membro correspondente da Academia de Bellas Artes de Paris e do Instituto de França, academico de merito e professor interino da Academia de Bellas Artes de Lisboa, commendador da Ordem de Christo e da de S. Thiago.

Foi professor de esculptura da sr.ª Duquesa de Palmella, que tinha por elle grande estima, e protegeu o venerando artista até o fim da sua extensa e gloriosa vida.

ANATOLE CALMELS

A INSUBORDINAÇÃO A BORDO DO CRUZADOR *D. CARLOS*

O caso da insubordinação dos marinheiros do cruzador *D. Carlos*, occorrido quasi á hora d'esta revista entrar na machina, obrigou-nos a atrasar 24 horas a publicação deste numero, afim de darmos a nossos leitores uma rapida noticia de tão importante quanto deploravel acontecimento, acompanhando-a com os bellos instantaneos, que illustram a pag. 80 tirados pelo nosso collaborador artistico sr. Benoliel e reproduzidos em poucas horas nos ateliers de photogravura do sr. P. Marinho.

A' hora a que escrevemos não está ainda bem determinada a causa da insubordinação dos marinheiros do *D. Carlos*, o que só depois das devidas investigações se poderá apurar; entretanto o que os insubordinados manifestaram foi o não quererem estar sob as ordens do seu commandante, o capitão de mar e guerra sr. Vasco de Carvalho, por acharem demasiado rigorosa a disciplina que lhes impunha.

Aproveitando a ausencia do commandante, no domingo 8, á noite, os marinheiros insubordinaram-se contra o tenente sr. Teixeira Marinho, unico official que estava a bordo, por elle os admoestar, de estarem de comes e bebes com umas visitas de paisanos já fóra das horas do regulamento, dando ordem para estas se retirarem.

Foi n'este momento que a guarnição se insubordinou, desobedecendo áquella ordem, e intimando o tenente a que viesse para terra e ali não voltasse nem o commandante e mais officiaes d'aquelle navio porque não queriam estar sob o seu commando.

Emquanto uns faziam esta intimação, outros arriavam escaleres para embarcar o sr. Teixeira Marinho e uma força de marinheiros armados, que o escoltou em dois escaleres até ao Arsenal, retirando a dita força para bordo do *D. Carlos*.

Logo que na majoria da armada constou o occorrido, se principiou a providenciar sobre o caso, indo a bordo do *D. Carlos* o sr. contra-almirante Moraes e Sousa e o 2.º tenente sr. Bernardo Alpoim para conhecer das causas da insubordinação e submeter os insubordinados.

A guarnição do navio recebeu com todas as honras os seus superiores, mas insistiu que queria outro commandante e que só se submettia com a condição de lhe perdoarem.

Em vista d'esta insistencia o commando geral da armada de acordo com o sr. ministro da marinha, resolveu passar o cruzador *D. Carlos* a meio armamento, reduzindo por esse facto a um quarto a tripulação do navio e ordenando o desembarque do resto. Entretanto nomeava novo commandante para o *D. Carlos*, o sr. Gonçalves Teixeira, para fazer executar aquella resolução.

Pouco depois seguiam dois vapores da Parceria Lisbonense para conduzirem para terra a tripulação que devia desembarcar.

A guarnição, porém, do cruzador assim que soube que o navio ia passar a meio armamento, presistiu em não desembarcar, não deixando que os vapores se approximassem, ameaçando de os meter no fundo.

Sabido isto no Arsenal, o sr. major general da armada vice almirante Ferreira do Amaral, embarcou immediatamente no *Dragão* acompanhado pelos seus ajudantes e ordenança e dirigiu-se a todo o vapor para o *D. Carlos*.

Chegado ali e reconhecendo os marinheiros o seu almirante, logo arriaram a escada do portaló, e o receberam com todas as honras, formando toda a guarnição na praça do navio.

Então o sr. Ferreira do Amaral perguntou ao commandante sr. Gonçalves Teixeira o que queriam os marinheiros, respondendo o official que elles estavam promptos a desembarcar se lhes fosse concedido perdão.

O vice-almirante fez então uma fala á marinhagem exprimindo o grande desgosto que tinha por ter, no fim da sua carreira de official, de intervir n'um acto de grave insubordinação militar, sem precedentes, felizmente, na marinha portu-

A insubordinação a bordo do cruzador «D Carlos»

VICE ALMIRANTE FERREIRA DO AMARAL

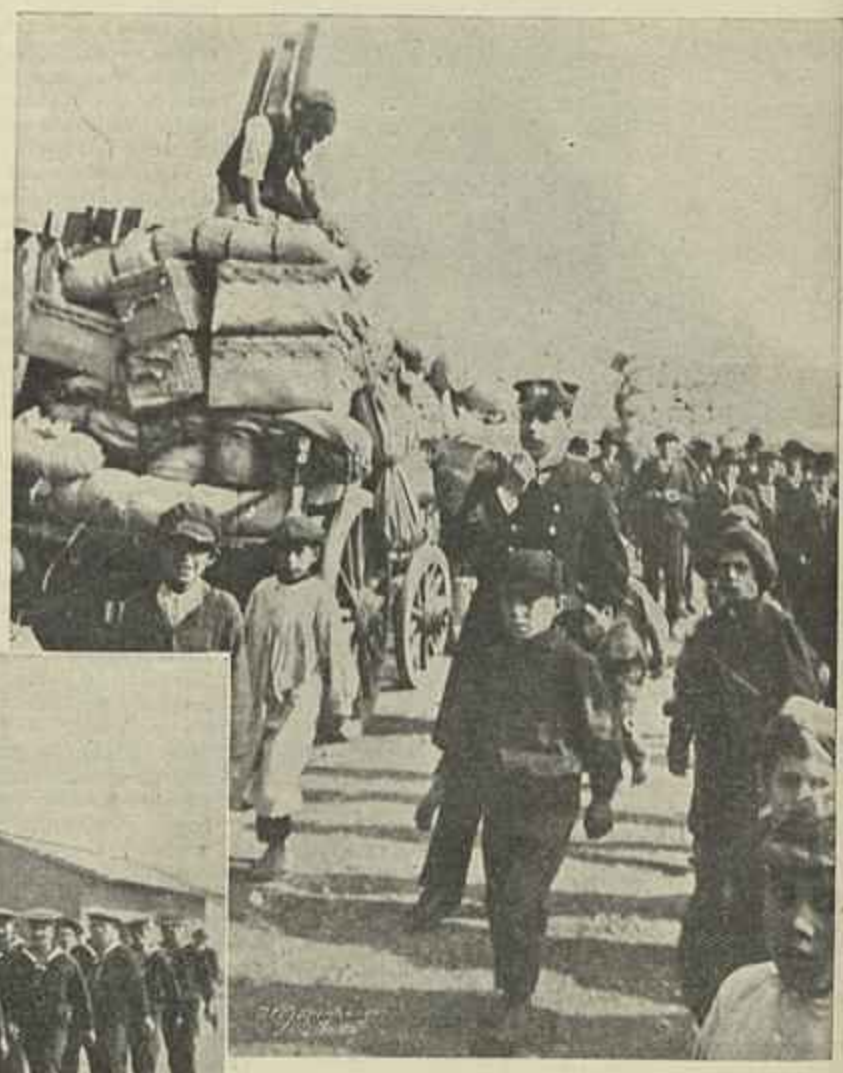
guêsa. Estranhando e lastimando que seus velhos companheiros de armas se envolvessem em semelhantes aventuras.

Quanto ao pedido perdão declarava terminantemente que não lh'o concedia, mas podia garantir que o conselho de guerra procederia, como sempre, com inteira justiça. Que ia dar de novo ordem aos vapores para virem buscar os marinheiros, e que durante esse tempo elles pensassem bem na responsabilidade de qualquer acto que praticassem que não fosse o absoluto cumprimento rigoroso das suas ordens irrevogaveis.

As palavras do prestigioso vice almirante, que para muitos d'aquelles marinheiros, que tantas vezes se encontraram sob o commando do valoroso official, nos lances mais arriscados da vida do mar, chegaram-lhes ao coração e fizeram-lhe accordar o cumprimento do dever, quando juraram servir a patria e obedecer á disciplina.

Quando o sr. vice almirante Ferreira do Amaral voltou a bordo do *D. Carlos*, seguido dos vapores que deviam conduzir a terra os marinheiros desembarcados, já estes estavam promptos com suas bagagens.

O sr. Ferreira do Amaral com os seus ajudantes assistiu á passagem dos marinheiros do *D. Carlos* para os vapores que os conduziram ao entreposto de Alcantara, donde aquelles seguiram para o quartel, pelas 3 horas da tarde de hoje.



O TENENTE ALPOIM ASSISTINDO A CONDUÇÃO DAS BAGAGENS

OS MARINHEIROS DESEMBARCADOS DO CRUZADOR «D. CARLOS» NO ENTREPOSTO DE ALCANTARA
(Instantaneos do sr. Benoliel)

Methodo Berlitz

LISBOA — R. do Alecrim, 20 A 1.º e 2.º andar
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de 1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico POR Professores extrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII
Professores de S. A. o Principe Real da Allemanha
Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS
Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez
Os cursos da Academia BERLITZ funccionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

PHOTOGRAPHIA FILLON
A mais antiga de Portugal
A. BOBONE
Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas
Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Gran Prix, 4 diplomas de honra 8 medalhas d'ouro e 2 de prata
Fazem-se retratos em todos os generos
Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do paiz
79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Egreja dos Martyres), LISBOA

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE
Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900
Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras
R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

EMPREZA DE CARRUAGENS FIDELIDADE
Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR
N.º TELEPHONICO 500
Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences PARA TODOS OS SERVIÇOS
Rua de S. Bento, 46 — LISBOA
E no ESTORIL, Parque do Ex.mo Sr. José Vianna

TRADE MARK MB MARCA REGISTADA
A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOZAS LITHINADAS
Deposito geral:
Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º
LISBOA